

ARTIGO

# ENQUADRANDO MANDELA:

## Uma análise comparativa (inter) nacional da morte do líder icônico

Copyright © 2017  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

TANIA CANTRELL ROSAS-MORENO  
*Loyola University Maryland, Estados Unidos*

SAMANTHA JOYCE  
*Saint Mary's College of California, Estados Unidos*

**RESUMO** - Até agora, poucos estudos investigaram como a imprensa cobre a morte de líderes políticos, e as consequentes conotações sociais, culturais e políticas dessa cobertura. Ainda menos estudos abordam o tema quando se trata de um líder negro. Utilizamos a Teoria do Enquadramento, aplicada através de uma análise textual interpretativa a mais de 80 artigos de notícias de dois jornais sul-africanos e dois brasileiros para entendermos como Nelson Mandela – um líder icônico negro – foi enquadrado nos 11 dias entre sua morte e os eventos ao redor da mesma. Estes dois países foram selecionados, porque a África do Sul era a nação de Mandela, e o Brasil devido ao fato de ter a maior população negra de qualquer país além da África. Além disso, essas nações são parceiras já que fazem parte dos BRICS e IBSA. Ao compararmos e contrastarmos sete quadros emergentes dessa cobertura, apontamos para a necessidade de considerarmos a construção social da memória coletiva de sua morte como modo de compreendermos o legado da morte de Mandela.

**Palavras-chave:** Mandela. Brasil. África do Sul. Teoria do Enquadramento. Análise Textual Interpretativa.

### **ENCUADRANDO A MANDELA: Un análisis comparado (inter)nacional de noticias sobre la muerte del icónico líder**

**RESUMEN** - Poco estudios han investigado cómo la prensa cubre la muerte de líderes políticos y las connotaciones societales, culturales y políticas de tal cobertura. Menos aún han abordado el tema cuando el líder es de raza negra. Usamos la teoría del encuadre (*framing*) y la aplicamos en un análisis textual interpretativo de más de 80 artículos de dos diarios sudafricanos y dos brasileños para comprender cómo Nelson Mandela –un icónico líder negro– fue encuadrado en los 11 días en torno a su muerte. Estos dos países fueron seleccionados ya que Sudáfrica era la patria de Mandela y Brasil tiene la mayor población negra de cualquier país fuera del continente africano. Además ambas naciones están adscritas a alianzas, incluida su participación en BRICS e IBSA. La comparación y contraste de siete encuadres emergentes apunta a la necesidad de considerar la construcción social de la memoria colectiva de su muerte para comprender el legado de Mandela.

**Palabras clave:** Mandela. Brasil. Sudáfrica. Teoría del Encuadre. Análisis Textual Interpretativo.

## FRAMING MANDELA: An (Inter)National Comparative News Analysis of the Iconic Leader's Death

**ABSTRACT** - Few studies have investigated how the press covers political leaders' deaths and the societal, cultural and political connotations of such coverage. Even fewer have tackled the topic when that leader is black. We use Framing Theory applied through an interpretive textual analysis to over 80 news articles from two South African and two Brazilian dailies to understand how Nelson Mandela—a black iconic leader—was framed in the 11 days straddling his death and death events. These two countries were selected, because South Africa was Mandela's home, and Brazil has the largest Black population of any country outside of Africa. Additionally, both nations are locked in partnerships, including their participation in BRICS and IBSA. Comparing and contrasting seven emergent frames points to the need to consider the social construction of the collective memory of his death as pursuant to understanding Mandela's legacy.

**Key words:** Mandela. Brazil. South Africa. Framing Theory. Interpretive Textual Analysis.

### Introdução

Fora da África, o Brasil é o maior país com uma população de diáspora africana e a economia líder da América do Sul. Dentro da África, a África do Sul também tem uma população predominantemente negra e a economia mais forte da África. Os dois países têm sido tradicionalmente governados por homens brancos. Em suas alianças políticas internacionais, Brasil e África do Sul são ambos países pertencentes a IBAS e BRICS. Essas associações servem, pelo menos em parte, para ajudar essas duas hegemonias regionais a atuar com maior destaque na esfera global (SOSALE; ROSAS-MORENO, 2016). Embora ambas as nações sejam reconhecidas como as democracias líderes de suas regiões e, como sendo livres, cada uma tem sua própria história de segregação. O que acontece, então, quando um líder que é tradicionalmente considerado de minoria em ambos países pelo governo por causa da cor de sua pele, mas é globalmente reconhecido por suas contribuições sociais, morre?

Em 5 de dezembro de 2013, a notícia da morte de Nelson Rolihlahla Mandela se espalhou rapidamente. Fato não totalmente inesperado, dado a idade do ex-presidente sul-africano de 95 anos e meses de doença. Ainda assim, o mundo ficou em choque. Ele foi um dos mais respeitados estadistas do mundo, liderando a luta

para dismantelar o regime racista de apartheid da África do Sul e para estabelecer uma democracia multirracial, ganhando o Prêmio Nobel da Paz no processo. Madiba, como era afetuosamente e respeitosamente conhecido, era um farol de esperança para muitos que trabalhavam para atingir a igualdade em suas próprias nações.

Esta pesquisa analisa notícias sul-africanas e brasileiras acerca da morte de Nelson Mandela e dos eventos ao redor da mesma. A amostra deste estudo é formada por 41 notícias de dois dos principais jornais sul-africanos, e 40 notícias brasileiras de dois dos principais jornais do Brasil, abrangendo o período de 11 dias desde o internamento até a morte de Madiba. Cada um dos quatro jornais foi cuidadosamente escolhido para diminuir a normalização das notícias e a rotinização (BLUMLER; GUREVITCH, 1995), bem como para descartar as descobertas “por acaso”, revelando diferenças e semelhanças sociais e culturais na narrativa de notícias (inter)nacionais (SHOEMAKER; REESE, 1996)<sup>1</sup>.

Até então, poucos estudos investigaram como a imprensa cobre a morte de líderes políticos e as decorrentes conotações sociais, culturais e políticas da mesma. Menos estudos ainda abordam o tema quando esse líder é negro. A teoria de enquadramento (*frames*) aplicada através de uma análise textual interpretativa fornece a perspectiva para explicar como o legado internacional de um homem que passou 27 anos na prisão e que eventualmente perdoou seus opressores foi memorizado na cobertura de notícias (inter)nacionais. Também revela como a história final de um líder negro foi contada por duas imprensas (inter)nacionais são classificadas apenas como parcialmente livres (FREEDOM HOUSE, 2014), particularmente dado que as imprensas são comparáveis, assim como seus sistemas políticos e econômicos e suas histórias de segregação.

### **Quadros e Enquadramentos em Notícias de Mortes**

Fonte de informação de líderes e elites das nações, a notícia transformou-se num espaço discursivo proeminente para que estudiosos da comunicação compreendam o que é o enquadramento e como ele opera (D'ANGELO; KUYPERS, 2010). A Teoria de Enquadramento (*Framing Theory*) tornou-se uma abordagem cada vez mais atraente para os estudos de notícias por causa de sua aplicabilidade (inter)nacional única. No mínimo, ela envolve uma fonte

de comunicação apresentada e define uma questão (DE VREESE, 2005). Os enquadramentos (*frames*) podem parecer inevitáveis porque, nos níveis institucional e individual dos jornalistas (SHOEMAKER; REESE, 1996), é necessário interpretar, organizar e apresentar grandes quantidades de informação (GITLIN, 1980).

“*Frames* são princípios organizadores socialmente compartilhados e persistentes ao longo do tempo, que trabalham simbolicamente para estruturar o mundo social de forma significativa” (REESE, 2003, p. 11). São elementos ativos e negociados que, por meio de sua inserção cultural e ideológica, formam códigos compartilhados e entendidos que dão significado, coerência e explicação, especialmente para questões complexas (VAN GORP, 2010). Formados e transferidos através da seleção e destaque, *frames* definem problemas, podem diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir remédios, através da conexão; entendimento compartilhado – a cultura sendo altamente implícita – é fundamental (ENTMAN, 1993). Eles são compostos de conteúdo manifesto – informativo, ou o que é explicitamente declarado, intencional e superficial – e conteúdo latente – comentário interpretativo que requer investigação de temas mais profundos, talvez não intencionais, ou mesmo omissões (CLARKE; EVEREST, 2006; GAMSON, 1989; ver também ALTHEIDE, 2002).

Os quadros manifestos e/ ou latentes podem ser dados como certos e seu impacto pode ser não detectado (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; LEWIS; REESE, 2009; VAN GORP, 2007). Além disso, os quadros manifestos e/ ou latentes não são tópicos, mas, sim, formas de abordagem, compreensão e até mesmo avaliação de vários tópicos (CONNOLLY-AHERN; BROADWAY, 2008). Assim, os quadros e enquadramentos permitem discussões mais profundas sobre as estruturas subjacentes às mensagens de notícias para explorar as imagens mentais de grupo (esquemas), induzidas por pistas e conexões emocionais (ENTMAN, 1993; GAMSON, 1989), capacitando pesquisadores a decifrar mensagens e significados compartilhados, particularmente em tempos de crise.

Os tempos de crise incluem cobertura de notícias de morte de pessoas proeminentes. Isso ocorre porque quando pessoas famosas morrem, o público sofre e os recorda principalmente no mesmo fórum onde elas passaram a conhecê-las na vida – na mídia de notícias (KITCH, 2000). Aplicar Teoria de Enquadramento (*Framing Theory*) à cobertura de notícias de morte em tal instância oferece uma oportunidade única de considerar a “espiral de oportunidades”

que os interessados podem engajar. Eles podem forçar as notícias em um único contexto interpretativo, apoiando os interesses das elites e criando um público através de um número significativo de pessoas que se tornam ativamente engajadas no debate sobre como a sociedade em geral deve responder a um problema (MILLER; REICHERT, 2003). Assim, a imprensa se torna um importante local de criação de significado, construção de comunidades e memorialização.

A elaboração de notícias sobre a morte pode envolver tensões. Por exemplo, no que diz respeito à criação de significado, os meios de comunicação podem tornar-se mais sobre os mensageiros do que sobre a mensagem, se os jornalistas focam mais em quem são e no seu poder de falar sobre eventos do que sobre o dignitário que morreu (ROSAS-MORENO; BACHMANN, 2012). Em relação à construção da comunidade, os relatórios de notícias sobre a morte podem ajudar a criar uma narrativa comum e um fórum de experiência, integrando e ajudando uma nação a se recompor. Mas também pode traumatizar uma população através de uma cobertura contínua, como no caso do assassinato de Yitzhak Rabin, em 1995 (COHEN, 2002). Em relação à memória, os meios de comunicação que recordam o discurso podem situar o falecido em uma estrutura que faz sentido acerca das realizações do falecido no presente (CARLSON, 2007), mas que criam uma caricatura defeituosa do falecido (ROSAS-MORENO; BACHMANN, 2012).

Em resumo, este estudo analisa os enquadramentos (ou *frames*) de quatro diferentes jornais (inter)nacionais a respeito da morte de Mandela e a mudança dos mesmos quadros, onde a notícia é considerada um espaço de disputa, que assume diferentes quadros/significados principalmente pelos vários atores escrevendo essas histórias, que efetuam quadros, significados e definições, fazendo julgamentos morais, e assim por diante (GITLIN, 1980; ENTMAN, 1993).

## Método

Como mencionamos anteriormente, duas fontes de notícias nacionais de cada nação foram selecionadas para esta aplicação da Teoria de Enquadramento através de uma análise textual interpretativa. Do Brasil, isso inclui a *Folha de S.Paulo* (ou *Folha*) e *O Globo* (ou *Globo*). Publicada em São Paulo, capital industrial do Brasil, e de propriedade da família Frias, a *Folha* é um dos dois jornais de maior circulação no país (FARAH, 2014). A principal fonte de notícias impressa e online

do Grupo Brasil e Folha, tendo evoluído desde a transição de 1985 da ditadura militar para a democracia se tornando uma das mais influentes mídias da opinião pública. Enquanto isso, *O Globo*, que não deve ser confundido com a TV Globo, a segunda maior rede de TV do mundo (TOLIPAN, 2012), é editada no Rio de Janeiro, pela Editora Globo, propriedade da família Marinho. *Globo* é um dos três maiores jornais do país (FARAH, 2014). Ambos estão voltados para as mais altas classes sociais do Brasil, classes A e B (KUGEL, 2011).

Da África do Sul, *The Star*, ou *Star*, e *Mail & Guardian*, ou *M & G*, foram selecionados. Ambos os jornais sobreviveram às primeiras eleições não raciais na história da África do Sul em 1994 marcando a passagem do apartheid para a democracia. Apesar de o *M & G* ser um jornal online diário com uma edição em papel publicada semanalmente, ele é classificado como uma das dez maiores publicações da África (4IMN.COM, 2016). Isso pode ser, devido ao fato que o *M & G* se considera “o primeiro jornal cuja seleção de notícias era cor-cego”, quando a maioria dos jornais sul-africanos de 1980 eram dirigidos a mercados racialmente definidos (M & G, 2015). O *M & G* é publicado pela Mail & Guardian Media, enquanto o *Star* é propriedade do Independent Newspaper Group, que abriga alguns dos títulos de jornais mais antigos da África do Sul (SOUTHAFRICA.INFO, 2013). *Star* foi lançado em Grahamstown no Cabo Oriental em 1887 como Eastern Star e agora é mais circulado na região de Joanesburgo. Ambos os jornais são publicados em Joanesburgo, que pode ser considerada a capital industrial da África do Sul, e ambos atraem um público de classe alta.

O período de tempo para o estudo foi de 11 dias, a partir de 5 de dezembro – o dia da morte de Mandela, que ocorreu às 9 da noite desse dia – até 16 de dezembro, no dia seguinte ao seu funeral, o que nos permitiu a cobertura de notícias do evento em questão. Os termos usados na pesquisa foram “Mandela ou Madiba e morte” (*Mandela or Madiba and death*), ou seus equivalentes em português, nas manchetes de notícias. Uma vez que artigos relevantes foram retirados das pesquisas da LexisNexis nos jornais sul-africanos durante esse período de tempo, um total de 41 artigos relevantes surgiram, sendo 21 do *Star* e 20 do *M & G*. Uma vez que artigos relevantes foram retirados dos próprios sites da *Folha* e do *Globo*, e todos os outros artigos foram amostrados, foram incluídos um total de 40 artigos – 20 de cada fonte de notícias – para análise. No total, 81 itens foram considerados para análise, como mostra a Tabela 1:

**Tabela 1** — As Fontes de Notícias Deste Estudo

<b>Nação</b>	<b>Fonte</b>	<b>Número de itens incluídos</b>
África do Sul	<i>Star</i>	21
	<i>M&amp;G</i>	20
Brasil	<i>Folha</i>	20
	<i>Globo</i>	20

A análise textual interpretativa analisou mais de 80 notícias de diários sul-africanos e brasileiros que retrataram a morte e os eventos sobre a morte de Nelson Mandela, comparando e contrastando as duas fontes nacionais com as duas internacionais e os quadros usados em cada contexto particular. Uma vez que o enquadramento pode funcionar para definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir remédios (ENTMAN, 1993), pode envolver a codificação, bem como um receptor de comunicação decifrando ou decodificando uma mensagem para fazer sentido. O modelo de codificação/ decodificação de Hall (1993) também pode ser aplicado, porque este tipo de análise textual requer uma abordagem interpretativa. Hall (1993) propõe que o público assuma três leituras hipotéticas ao interpretar textos de mídia: uma leitura preferencial, quando o público responde a uma mensagem de mídia da maneira pretendida por seus produtores; uma leitura negociada, que permite aos membros aceitar a leitura preferida, mas também resistir e modificá-la para dar conta de suas próprias experiências; e uma leitura de oposição dos textos midiáticos, onde a posição social do leitor – sua raça, classe, gênero, sexualidade, etc. – os situa em oposição à interpretação hegemônica. Assim poderíamos entender o conteúdo latente dos artigos de notícias que cercam a morte de Mandela como os dois últimos. Essa metodologia, então, investiga além de denotações e examina significados sociais mais conotativos, onde a cultura é vista como um processo narrativo com “textos” ou “artefatos culturais”, como reportagens (in)conscientemente ligadas a histórias maiores em jogo na sociedade (ROSAS-MORENO; BACHMANN, 2012; REED, 2012).

Embora seja uma ferramenta poderosa, especialmente quando usada para aplicar a Teoria de Enquadramento, a análise textual interpretativa não é sem falhas. As diretrizes sistêmicas para a interpretação de registros, por exemplo, não suportam comparações textuais. Em vez disso, “elas são deixadas para uma discussão informal que se baseia exclusivamente na engenhosidade e experiência do autor que

está trabalhando para trás a partir dos dados” (TRUEX, 1996, p. 3). Rigor foi adicionado já que os pesquisadores revisaram cada história inúmeras vezes para entender como as formas manifesta e latente(s) das histórias em torno da morte de Mandela foram enquadradas, contrariando assim “a baixa relevância da confiabilidade na pesquisa qualitativa” (LINDLOF; TAYLOR, 2002, 239). Além disso, e nas tradições de Rojecki (2005) e Esser e D’Angelo (2006), a análise textual interpretativa permitiu a identificação de quadros sussurrados, culturalmente embutidos e latentes.

Deve-se notar que ambas as pesquisadoras têm laços pessoais com as nações incluídas no estudo. Uma, nativa dos Estados Unidos, viveu em ambas as nações, e a outra, apesar de residir nos EUA, é brasileira. Ambas são fluentes em português e inglês, assim, capazes de navegar ambas as amostras noticiosas, garantindo um tipo de objetividade para conclusões através de acordo intersubjetivo (LINCOLN; GUBA, 1985, p. 292).

### **Resultados dos Enquadramentos da Cobertura de Notícias Sul-Africanas**

Ao considerarmos o quadro nacional de notícias de Nelson Mandela nos momentos de sua morte e sepultamento, vários quadros coincidem entre as notícias do *Star* e *M&G*. O primeiro é o enquadramento manifesto *Mandela e Esportes*. Um ex-boxeador e ávido fã de esportes, Mandela literal e figurativamente lutou pela África do Sul que ele imaginava. Um enquadramento latente que surgiu foi *Brand Mandela*, em que Mandela era mais do que um homem. Sua abordagem à vida e à política representava uma visão realizável. Era também um homem arco-íris, unindo muitos através dos vários limites sociais, como explicaremos em seguida. Ao mesmo tempo, deixou um legado, mas nenhuma riqueza. Um terceiro enquadramento latente que surgiu da cobertura de notícias nacionais da morte de Mandela foi o *Medo de Desestabilização*. Notícias sul-africanas sugeriram preocupações de que com a morte do líder Mandela a África do Sul, e toda a África, implodiria.

#### **Enquadramento Manifesto Sul Africano: Mandela e Esportes**

Este enquadramento manifesto com tema de luta foi extremamente claro com a cobertura do *Star* e *M&G*. Muitos dos

artigos especificamente o chamavam de lutador por suas ações antes, durante e depois de sua prisão, embora com diferentes finalidades e talvez de maneiras diferentes.

Por exemplo, antes de seus 27 anos, em Robben Island, ele era um “[...] um boxeador” (*Star*, 9 de dezembro de 2013). Sua ligação pessoal com os esportes junto com seu próprio lado de fã de jogos, incluindo políticos:

Mandela tornou-se o símbolo da luta contra o apartheid depois que foi condenado no Julgamento Rivonia sob acusações de sabotagem e foi condenado à prisão perpétua em Robben Island (M&G, 5 dez, 2013)<sup>2</sup>

Similarmente:

No final de seu julgamento, Mandela deu um discurso agora icônico em que ele disse: “Eu lutei contra a dominação branca, e eu lutei contra a dominação negra. Eu estimo o ideal de uma sociedade democrática e livre em que todas as pessoas vivam juntas em harmonia e com igualdade de oportunidades. Isso é um ideal que espero viver e alcançar, mas, se necessário, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer”. (M&G, 5 dez., 2013).

Durante a prisão de Mandela, ele ficou famoso por manter um regime de treinamento pessoal consistente. Embora declarasse abertamente que se exercitar o ajudou a aliviar o estresse, parecia também acalmá-lo e capacitá-lo a suportar as muitas dificuldades do cativo. Deve-se lembrar que Mandela não era jovem quando começou a sentença: ele estava em seus 50 anos. De fato, seu guarda foi registrado dizendo:

Ele nunca lutaria por si, mas por outros. Nós ouvimos com aparelhos de escuta quando ele falava com outros, disse Brand. Mandela estava sempre tentando conseguir dinheiro para a educação dos jovens. Ele estava sempre lutando pela libertação de prisioneiros de idade, tentando fazer com que Sisulu (Walter Sisulu, veterano do ANC) fosse liberado, mas ele mesmo já era velho. (M&G, 10 dez., 2013).

Após sua prisão, o tema *lutador* foi fortalecido: “Não devemos lutar pela igualdade em uma escala menor; não devemos *lutar para vencer* em um nível igual, mas superior” (M & G, 6 de dezembro de 2013, ênfase adicionada). Isso levou Mandela a também se tornar uma figura popular em eventos esportivos, talvez até mesmo como um talismã de boa sorte:

Respeitou tudo o que tocou: desde a Rainha Elizabeth, que pela primeira vez na história do Reino Unido homenageará um cidadão não-britânico com um dia de lembrança da Abadia de Westminster, até Francois Pienaar, que conheceu e motivou para ganhar a Copa do Mundo em 1995, vestindo a camisa 6 do

capitão do Springbok — mostrando o respeito para o jogador e servindo-o no dia. (*Star*, 11 dez., 2013)

Mandela até se tornou o figurativo “Capitão do Time SA” por sua contribuição ao esporte sul-africano (*Star*, 6 de dezembro de 2013), seja no boxe, rúgbi, críquete, ciclismo, a lista continua. As notícias argumentam: “Campeões mundiais e olímpicos não teriam vindo a África do Sul [...] se ele não tivesse guiado a nação a uma liberdade tão calma como poderá ser desejado” (*Star*, 11 de dezembro de 2013).

Dado este enquadramento manifesto de notícias nacionais, parece apropriado que “a última aparição pública de Mandela foi breve, no final da Copa do Mundo de Futebol em 2010” (*M & G*, 5 de dezembro de 2013) e que o seu memorial seria realizado em FNB Stadium, também conhecido como Soccer City.

Além disso,

A morte de Nelson Mandela, como o Torneio da Copa do Mundo e a Copa do Mundo de Rugby, uniu o nosso povo, demonstrando verdadeiramente que somos uma nação do arco-íris cujos pilares são a Carta da Liberdade (*Star*, 14 dez., 2013).

### **Enquadramento Latente Sul-Africano: *Brand Mandela* (Marca Mandela)**

A cobertura de notícias nacionais sul-africanas sobre a morte de Mandela parece transmitir uma história familiar a muitos sul-africanos: Mandela era além de uma marca. Ele era um “cidadão global” (*Star*, 16 de dezembro de 2013) que “pertence não só a nós, mas ao mundo inteiro” (*M & G*, 6 de dezembro de 2013). Mandela também possuía um tipo de deidade, já que ele era “[...] tão perfeito [...] era inacreditável que uma pessoa como ele pudesse morrer” (*Star*, 6 de dezembro de 2013, ênfase adicionada). Foi reconhecido como sendo o pai de uma nação e o filho favorito de uma nação, claramente unindo referências cristãs da divindade. E, embora as preferências religiosas pessoais de Mandela nunca tenham sido notadas, a de outras pessoas em relação a ele foram: “Eu conheci um Deus negro. Temos liberdade por causa desse homem” (*M&G*, 7 de dezembro de 2013).

As notícias evidenciaram claramente seu poder de marca, com nomes de edifícios, de estátuas e de outros artigos de colecionadores em seu nome. Isto também parecia ser um tributo à ou uma continuação de sua vida. De fato,

Madiba tornou-se mais do que apenas um herói muito amado do povo da África do Sul. Ele havia se tornado um cidadão do mundo, um líder e uma inspiração para uma grande parte da humanidade muito além de nossas fronteiras (*Star*, 6 dez., 2013).

E ainda:

Ele foi o mais forte prodígio (talvez o único) a levar a África do Sul de um passado enviesado e duvidoso para uma nação que se tornou honrada pelo mundo – fazendo com que a bandeira sul-africana se tornasse a *segunda marca* mais reconhecida depois do nome Mandela durante esse tempo. Que homem (*Star*, 11 dez., 2013, grifo nosso).

Como marca (brand), Mandela era “[...] uma personificação da força, da luta e da sobrevivência, princípios que são apreciados pela humanidade [...]” (*M & G*, 6 de dezembro de 2013). Mais uma vez, sua marca foi além dele já que ele “[...] não deixou riqueza, mas um legado [...] um legado [...] sobre valores e a moral [...]” (*Star*, 11 de dezembro de 2013).

Parte de sua marca registrada era seu amor pelas cores. Ele era conhecido por suas “mais vibrantes [...] e originais camisas coloridas” (*Star*, 14 de dezembro de 2013), para o qual ele tinha seu próprio designer pessoal, Sonwabile Ndamase. É interessante notar que, após a morte de Mandela, as notícias indicam que Ndamase recebeu um aumento nas encomendas de camisas Madiba, evidenciando mais a *Brand Mandela*.

Talvez o maior elemento desse enquadramento latente seja a natureza de arco-íris de Mandela, que “[...] racialmente integrou [uma] nação arco-íris” (*Star*, 12 de dezembro de 2013). De fato,

Muitos, além de divisões raciais, de classe, ideológicas, de gênero e religiosas, falaram sobre quem ele era, o que ele fazia, o que não gostava e desprezava. Ele construiu pontes para que todos os sul-africanos se integrassem, se conhecessem e construíssem um objetivo comum consagrado na Carta da Liberdade, um pilar da nossa constituição (*Star*, 14 dez., 2013).

Ainda que não tenha deixado riquezas no final de seu arco-íris, como parte de seu legado, ele deixou muito mais para sua nação:

Ele nunca pode morrer porque os ideais de liberdade, dignidade humana, respeito pelos indivíduos, comida e abrigo para toda a humanidade, serão levados adiante pela próxima geração (*M & G*, 9 dez., 2013).

No entanto, notícias indicaram implicitamente que a morte de Mandela poderia reverter muito do que ele havia feito.

## **Enquadramento Latente Sul-Africano: *Medo de Desestabilização***

Entre os temas de notícias nacionais, havia sugestões de que perder Mandela significaria perder muito, se não tudo, tudo aquilo pelo qual ele havia lutado tão duro para conquistar. Em outras palavras, um Mandela vivo parecia ser um tipo de seguro para ou a continuação dos avanços culturais, políticos e sociais que ocorreram na África do Sul em grande parte por meio de seus esforços. Consideremos:

Um povo reprimido por tanto tempo torna-se [sic] imprevisível (*M & G*, 13 dez., 2013).

Nessa linha, foram tomadas medidas de segurança para garantir que as questões do luto não saíssem fora de controle:

As ruas residenciais arborizadas logo foram obstruídas com carros enquanto a polícia lutava para controlar o tráfego. As pessoas andavam, e às vezes tropeçavam no escuro, para onde luzes de TV brilhantes e luzes policiais azuis brilhantes acendiam uma cena mais do que um pouco confusa em tom (*M & G*, 6 dez., 2013).

E:

“Viva o espírito de Mandela, viva”, cantavam alguns espectadores à uma da madrugada enquanto cantavam e dançavam jubilosamente do lado de fora da casa de Mandela, vigiados de perto por um forte contingente de policiais que tentavam manter a ordem (*Star*, 6 dez., 2013).

Enquanto os preparativos eram feitos para os serviços funerários, esses tipos de notícias também surgiram:

“Ativamos equipes especiais de emergência, desastres e polícias de metrô para gerenciar proativamente os pontos quentes da multidão em potencial, como Church Square e Union Buildings” (*Star*, 9 dez., 2013).

Enquanto que o controle de multidões em qualquer evento público possa parecer padrão e por precaução, neste caso, parece ser mais uma demonstração de poder, talvez até mesmo um lembrete de (violentos) dias passados. Artigos indicaram:

“Não acredito que a AS será a mesma sem ele” (*Star*, 7 dez., 2013).

E também indica que, apesar de Mandela ter feito muito, ainda há muito a ser feito:

Quando Madiba nos deixou, a África do Sul estava e continua envolvida em um processo complexo para responder aos importantes desafios que nosso país enfrenta, que incluem as questões da erradicação da pobreza, da equidade social e do estabelecimento de uma verdadeira sociedade não racista e não sexista (*Star*, 6 dez., 2013).

Uma vez que a África do Sul tenha sido tradicionalmente reconhecido como a maior e mais forte economia da África, seu deslizamento poderia ter ramificações negativas para todo o continente. Poucas horas após o falecimento de Mandela, e apesar de os analistas financeiros terem “[...] descartado o receio de que os mercados da África do Sul se desestabilizariam com a queda de Madiba,” a unidade monetária sul-africana caiu “[...] para seu menor nível desde o ápice da recessão cinco anos atrás” (*M & G*, 6 de dezembro de 2013).

Sinais de notícias nacionais pareciam dizer: “Mandela representa o melhor de todos nós, e é por isso que temos tido tanto medo de deixá-lo partir ...” (*Star*, 9 dez., 2013, grifo nosso).

### **Resultados dos Enquadramentos da Cobertura de Notícias (Inter)Nacionais Brasileiras**

A aplicação da teoria de enquadramento através de uma análise textual interpretativa de 40 notícias brasileiras revelou quatro quadros internacionais em torno da morte de Nelson Mandela. Um enquadramento manifesto é o *Mito (carismático/ sobrenatural)*, que destaca o carisma de Mandela como líder. O segundo quadro manifesto é a *Figura Paterna Coletiva*. Isso indica uma tensão. Enquanto Mandela é reconhecido internacionalmente como sendo uma figura de pai atencioso, tendo trabalhado toda a sua vida pela igualdade, ele parecia ter negligenciado seus próprios filhos. Ficar preso por 27 anos não ajudou esse relacionamento. Os outros dois quadros são latentes. Conectando-se com a própria história racial mista do Brasil, como será explicado, é o quadro de *Segregação Racial de fato*. O outro quadro latente – *Religião* – também se relaciona com a história religiosa do Brasil, já esta é a maior nação católica do mundo.

### **Enquadramento Manifesto Brasileiro: *Mito (carismático/ sobrenatural)***

Um artigo de opinião interessante escrito em *O Globo* (15 de

dezembro de 2013), de Helena Celestino, discute a vida e a morte de Mandela por meio de sua viúva Graça Machel. O que é particularmente notável é que, embora a história seja em última instância sobre Graça (sua vida com Samora Machel e mais tarde Nelson Mandela), parece ser sobre Mandela, devido ao jogo de palavras da autora (na manchete) com o significado do nome e palavra “Graça”. Assim, o artigo “A Graça de Mandela” toma o duplo significado de “viúva de Mandela” (manifesto), bem como um significado “santo” (latente), que vê Mandela como um ser supranatural, neste caso, “a Graça do Mandela”<sup>3</sup>.

Histórias que enquadraram Mandela como uma figura mitológica com dons super/ sobre naturais sugeriram que ele não precisava de títulos governamentais/ oficiais para conscientizar uma causa ou questão. Por exemplo,

Mandela emprestou o seu carisma às causas africanas e, juntamente com Graça, arrecadou fundos para campanhas contra a AIDS e ajudou as crianças do continente. Foi ao lado dela que Mandela anunciou a morte de seu filho de AIDS e pediu para acabar com o silêncio sobre a doença, uma política obscurantista do governo do atual presidente Zuma (*O Globo*, 15 dez., 2013).

Outra notícia destacou sua natureza mitológica, uma pessoa cujas ações altruístas nos tocam espiritualmente. Como Ellison afirmou,

[...] A biografia pessoal de Mandela certamente toca nossa alma [...] (*O Globo*, 9 dez., 2013).

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso também reconheceu as características mitológicas de Mandela, afirmando que

Sua vida foi cercada por uma aura de grandeza, de decência e humildade. Não há ninguém que melhor defina a relação entre Mandela e seus contemporâneos do que sua compatriota Manphela Ramphele: “Não foi ele quem buscou a glória, mas a glória que o buscou [...] Tão forte era a impressão de quase sobre-humano que Mandela deixou entre aqueles que viveu com ele, ouviu ou soube de suas ações e palavras [...]” (*Globo*, 6 dez., 2013).

Embora muitos artigos reconheçam as características “mitológicas” ou sobrenaturais de Mandela, Adam Roberts pediu para que não pensássemos nele como um “santo”, e declarou:

Ele costumava brincar a respeito de sua morte, dizendo que a primeira coisa que faria no céu – ele não tinha dúvidas de que era para onde iria – seria se matricular no Congresso Nacional Africano. Esta era a sua maneira de dizer que ele era um homem político e pragmático, não um santo (*Globo*, 8 dez., 2013).

Também é interessante ressaltar que ambos os jornais brasileiros – *Globo* e *Folha* – reproduziram em sua totalidade – embora traduzidos para o português – o artigo de Simon Jenkins (*The Guardian*), em que afirmou que Mandela não era uma figura de natureza santa/ mitológica, mas, sim, um grande homem:

[...] O mundo pode desejar um “ícone Mandela”, mas para que fim? Para os meios de comunicação sérios discuti-lo ao lado de Madre Teresa, Gandhi e Jesus de Nazaré seria um absurdo. Ele era Nelson Mandela. [...] e se lhes convém venerá-lo como um símbolo de unidade, bondade e paz, que assim seja. Isso é problema deles. [...] Mas a qualidade sul-africana que me lembro de Mandela possuir ao máximo não era santidade, era um rígido senso de ironia. Eu aposto que ele está morrendo de rir (*Folha*, 12 dez., 2013).

Outro artigo da *Folha* (5 de dezembro de 2013) lembrou aos leitores que Mandela era um grande homem, e que todos nós nos esforçamos para ser como ele. Citando o presidente sul-africano Jacob Zuma, o artigo afirmou que,

O que fazia Mandela grande também era o que o tornava humano. Vimos nele o que procuramos ver em nós mesmos (*Folha*, 5 dez., 2013).

### **Enquadramento Manifesto Brasileiro: *Figura Paterna Coletiva***

Algumas histórias claramente enquadraram Nelson Mandela como um tipo de figura paterna coletiva africana. Por exemplo, um artigo de *O Globo*:

Ao deixar a prisão, Mandela tornar-se-ia o símbolo do próprio país, o pai da nação, a família de todos os sul-africanos e que até mesmo os adversários veneravam como aquele que liderava uma missão que, a princípio, parecia impossível: reconciliar a maior parte da África do Sul, sem amargura, mesmo após 27 anos de confinamento. Uma missão que lhe valeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993 e o respeito de todo o planeta (*Globo*, 5 dez., 2013).

Uma notícia do *Globo* contou com a presença de Joseph Nkosi, um guarda de segurança em Johannesburgo, que afirmou que “sinto que acabei de perder um pai, alguém que cuidou de mim” (*Globo*, 6 de dezembro de 2013). É interessante ressaltar que o quadro manifesto da *Figura Paterna Coletiva* foi identificada em ambos os diários do Brasil, conforme ilustrado no relato de Rossi, discutindo uma entrevista anterior com Nelson Mandela na *Folha*. Rossi se refere a Mandela como um “avô” (*Folha*, 6 de dezembro de 2013), que era de comportamento

“sereno” no sentido “avô sábio”, “que todos nós desejamos ter [...]” (*Folha*, 6 de dezembro de 2013). Além disso, um relatório *Folha* (10 de dezembro de 2013) sobre o seu funeral observou que “Mandela é a África do Sul, ele é a nova África do Sul.” Curiosamente, enquanto essas histórias veneravam o líder como um pai coletivo, uma notícia se referiu Mandela como um pai de fato ausente a seus próprios filhos:

Sem dúvida, a maior conquista de Mandela foi difundir uma constituição liberal para a igualdade racial, os direitos sexuais e outros. Em sua vida pessoal, ele também falhou. No 90º aniversário de Mandela, Graça Machel disse: “ele definitivamente não é um santo.” Seus filhos se referiam a ele como um pai distante. Ele poderia ser rigoroso e frio. Grace disse que ele era teimoso, irritado e intolerante quando seus filhos estavam indo mal na escola (Roberts, 8 dez., 2013).

### **Enquadramento Latente Brasileiro: *Segregação Racial de Fato***

As notícias brasileiras que enquadravam Mandela como a única pessoa responsável por acabar com a segregação racial e/ ou o racismo na África do Sul, mas não discutiram criticamente qualquer tipo persistente de segregação racial de fato, são especialmente interessantes no contexto das relações raciais brasileiras. Sendo o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão em 1888, o Brasil é um país que ainda sofre com o racismo e os efeitos persistentes de ideologias racistas, como o branqueamento.

Como explica Joyce (2012), o mito brasileiro de branqueamento através da miscigenação está no cerne da ideologia brasileira (“mito”) da democracia racial no país, que é uma conceituação social completamente distinta de raça, diferente da dos EUA, onde em sua maioria um código binário é usado – preto ou branco. A autora mostra ainda que, em grande parte da América Latina, o código racial dominante é aquele que valoriza o quão perto da escala branca você aparenta. Assim, como regra geral, presume-se que quanto mais perto você estiver do lado “branco” da escala, mais bonito, inteligente e respeitado você é. Assim, esse conceito de branqueamento está no cerne do discurso brasileiro de democracia racial, revelando sua natureza racista desde seu início. Assim, embora nunca houvesse existido um tipo estrito ou legal de segregação/ discriminação racial no Brasil, trata-se de um problema persistente do país, onde tradicionalmente os problemas raciais eram ignorados – na lei e no discurso social – devido ao fato de que os brasileiros eram tradicionalmente vistos como miscigenados – não negros e/ ou brancos.

Esta breve história das relações raciais brasileiras destaca o fato de que as notícias sobre aspectos persistentes da *segregação racial de fato* foram omitidas, embora o racismo possa continuar mesmo depois que as leis tenham mudado.

Por exemplo, ao relatar a notícia da morte de Mandela, *O Globo* afirmou que Nelson Mandela havia morrido. Com o anúncio, muitas pessoas tomaram as ruas para dançar e cantar em uma homenagem calma à vida do ex-presidente que levou o país ao fim do regime de discriminação racial. Velas e bandeiras da África do Sul tomaram às ruas de Johannesburgo (*Globo*, 5 dez., 2013).

### **Enquadramento Latente Brasileiro: *Religião***

Embora muitos artigos brasileiros tenham citado a atitude de Mandela em relação ao perdão por ter sido encarcerados, estava presente uma clara estrutura cristã/ católica religiosa, colocando o conceito cristão de “perdão” como um tipo de natureza de caráter ou do pensamento histórico marxista que acredita que a história avança. Dado que o Brasil é a maior nação católica do mundo, esse ponto não pode ser sublimado. Por exemplo, *O Globo* afirmou que,

A grande lição de Mandela era acerca do perdão. “Ele me deu esperança e através dele aprendi o que realmente significa perdoar” [...] o presidente que buscava reconciliação ao invés de vingança dos que o prenderam e perseguiram (*Globo*, 5 dez., 2013).

As poucas vezes que a religião foi citada não se referia às próprias crenças de Mandela ou a um preceito religioso em suas ações, mas a como reagir (quadro prescritivo, não necessariamente religioso) ao evento: a morte dessa figura mitológica sem uma “casa” religiosa específica ou afiliação. Por exemplo, uma notícia relatou que o presidente

Zuma declarou a 8 de dezembro ser um “Dia Nacional de Oração e Reflexão”, convidando os sul-africanos a orar em suas “casas, templos, igrejas, sinagogas e mesquitas [...] Rezemos, meditemos e refletimos sobre sua contribuição ao mundo – Disse Zuma, chamando Mandela filho e pai da nação – Ele nos ensinou que é possível superar o ódio e reconstruir uma nação (*Globo*, 6 dez., 2013).

Curiosamente, esta mesma reportagem sugerindo que as pessoas deveriam agir “espiritualmente”, mas não “religiosamente” no sentido cristão, foi iniciada comparando Mandela a nenhum outro senão o papa:

A morte do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, será marcada por um dos maiores e mais assistidos eventos já organizados no mundo. O presidente sul-africano Jacob Zuma disse na sexta-feira que a cerimônia oficial [...] O evento terá as mesmas proporções do que o do Papa João Paulo II em 2005, que atraiu cinco reis, seis rainhas e 70 presidentes e primeiros-ministros, assim como dois milhões de crentes (*Globo*, 6 dez., 2013).

Por sua vez, a única história na amostra que cobre o Papa Francisco (*Globo*, 6 de dezembro de 2013), também não usou um quadro religioso (católico romano) ao se referir a Mandela ao relatar que,

O Pontífice elogiou “o forte empenho demonstrado por Nelson Mandela na promoção da dignidade humana de todos os cidadãos do país e a formação de uma nova África do Sul construída sob os fundamentos firmes da não-violência, da reconciliação e da verdade” (*Globo*, 6 dez., 2013).

O enquadramento latente *Religião* também foi identificado em um relato da *Folha* por Zanini (10 de dezembro de 2013), quando o jornalista cita o ex-companheiro de cela de Mandela em Robben Island, Andrew Mlangeni, e sua descrição de Mandela no mesmo estilo “fé não identificada”. Ele

[...] Lembrou a humildade e fé de Mandela na liderança coletiva [...] Nelson Mandela foi o exemplo perfeito do valor do autossacrifício, sabedoria e paciência e criou esperança onde não havia nenhuma (*Folha*, 10 dez., 2013).

Também é interessante ressaltar que o ex-presidente brasileiro Lula foi citado na *Folha* (5 de dezembro de 2013) referindo-se a Mandela como uma criação de Deus:

Aqueles que lerem a história de Mandela certamente serão gratos por Deus ter colocado um homem como ele, de tal grandeza, na terra e, acima de tudo, um negro. Se o paraíso existe, Mandela merece estar nele (Magalhães et al, 5 dez., 2013).

## Discussão/Conclusão

A *Teoria de Enquadramento* foi aplicada através de uma análise textual interpretativa a mais de 80 artigos de notícias durante 11 dias de dois diários nacionais da África do Sul e dois diários internacionais brasileiros de modo a entender como Nelson Mandela foi enquadrado nos relatos de sua morte e eventos em torno de sua morte. A Tabela 2 resume os quadros latentes e manifestos nacionais e internacionais que surgiram através desta análise:

**Tabela 2** — Enquadramentos (Inter)Nacionais de Mandela

<b>Nação</b>	<b>Tipologia de Enquadramento</b>	<b>Nome do Enquadramento</b>	<b>Descrição do Enquadramento</b>
AS	Nacional, Manifesto	Mandela e Esportes	Mandela lutou literal e figurativamente pela África do Sul que desejava
AS	Nacional, Latente	Brand /Marca Mandela	Mandela era mais do que um homem – um homem arcoris que lutou para atingir a igualdade
AS	Nacional, Latente	Medo de Desestabilização	Mandela foi o alicerce da sociedade e cultura (sul-) africana
Brasil	Internacional, Manifesto	Mito (carismático/sobrenatural)	Foi um líder maior do que a vida
Brasil	Internacional, Manifesto	Figura Paterna Coletiva	Talvez um pai ausente para seus próprios filhos, Mandela estava presente para muitos outros
Brasil	Internacional, Latente	Segregação Racial de Fato	Mandela lutou pela igualdade racial
Brasil	Internacional, Latente	Religião	Crente, mas sem religião pessoal

É importante reconsiderar que essas duas nações têm sistemas de imprensa, políticos e econômicos comparáveis com histórias de segregação. Enquanto cada nação é reconhecida como uma hegemonia regional e livre, cada uma tem sua própria história de segregação e uma imprensa classificada apenas como parcialmente livre (FREEDOM HOUSE, 2014), mesmo com garantias constitucionais de liberdade de imprensa. Além disso, são democracias jovens, com a África do Sul tendo eleições democráticas em 1994, terminando o apartheid – ou separação legislada, e o Brasil em 1985, com o fim da ditadura militar.

Como princípios organizadores que são socialmente compartilhados e persistentes ao longo do tempo, os enquadramentos emergentes deste estudo claramente indicam algumas tensões no que diz respeito à memorialização de um grande estadista no evento de sua morte. Torna-se particularmente evidente ao comparar os quadros de notícias nacionais e internacionais que alguns quadros são mais prevalentes a nível nacional do que outros. Considere, por exemplo, como a história do esporte pessoal de Mandela fundou seu posicionamento simbólico a nível nacional como Capitão da Team SA. Nenhuma dessas referências surgiu na cobertura brasileira, particularmente quando o Brasil é conhecido internacionalmente ao menos pelo seu compromisso com o futebol. Além

disso, considere como, nas notícias sul-africanas, Mandela foi latentemente enquadrado como um homem arco-íris, que deixou um legado de valores morais, em vez de qualquer herança relacionada ao dinheiro. Essa referência não foi feita em reportagens brasileiras. A diferença pode ser resultado dos sucessos econômicos recentes do Brasil, no qual a classe média conheceu um crescimento sem precedentes (PEZZINI, 2012) e a economia está sendo reconhecida (no momento em que esta pesquisa foi feita) como uma das de mais rápido crescimento no mundo (EUBRASIL, 2014).

Isso poderia ser conectado a outra diferença entre a cobertura de notícias nacional e internacional: o quadro nacional de notícias latino-africanas, *Medo da Desestabilização*, ou incerteza quanto ao futuro econômico e político da África do Sul, uma vez que Mandela estaria ausente. Isso evidencia claramente o poder político que Mandela mantinha dentro de sua nativa África do Sul e em toda a África.

Outra diferença no enquadramento quando consideramos os relatórios nacionais e internacionais é o quadro latente de *Segregação Racial de Fato* que surge fortemente dos relatórios brasileiros. A dança brasileira ao longo do tempo com o *branqueamento*, ou uma *filosofia de branqueamento*, combinada com o seu mito de ser uma democracia racial se choca em face, pelo menos, dos sucessos políticos de Mandela com a abolição do apartheid ou a remoção minoria branca regente. Talvez essa fricção fale mais alto em relação ao estado do progresso social e cultural da África do Sul do que o do Brasil, indicando que as relações raciais podem ser mais saudáveis na África do Sul do que no Brasil.

Embora as diferenças surjam com a comparação nacional e internacional, também existem semelhanças entre os quadros emergentes nacional e internacional. Considere como a *religião* parecia importante tanto a nível nacional como internacional. Nas notícias da África do Sul, Mandela foi reconhecido como sendo um tipo de “deus negro”, como observou um artigo (*M & G*, 7 de dezembro de 2013). Da mesma forma, suas qualidades de perdão cristãs foram destacadas em reportagens brasileiras. A ênfase na religião nas reportagens brasileiras parece mais provável, já que o Brasil é a maior nação católica romana do mundo e devido ao grau de influência que o catolicismo e a religião têm na cultura brasileira (ROSAS-MORENO, 2014).

Da mesma forma, e talvez continuamente, outro paralelo entre a cobertura de notícias dos países se trata de como Mandela era considerado maior do que a vida; a *marca* Mandela, um quadro latente que surge da notícia nacional da África do Sul, conecta-se com o marco internacional do manifesto brasileiro, o *Mito* (carismático/

sobrenatural). Ambos os quadros ecoam no tempo e no espaço, cimentando que Mandela foi reconhecido por sua habilidade de liderança única: sua capacidade de unificar um povo racial, social e culturalmente diferente, forçando a mudança política. Dadas as histórias de segregação do Brasil e da África do Sul e/ ou tensões raciais, esse ponto é particularmente pungente.

Conforme observado anteriormente, a cobertura de notícias da morte de um indivíduo pode ser problemática por causa de uma tendência a se concentrar no positivo. Dadas as tensões raciais ao longo do tempo, tanto na África do Sul quanto no Brasil, seria interessante ver como outro enquadramento – o quadro da “memória coletiva” – poderia ser apresentado através da história da vida pública/morte de Mandela. Já que a memória pública “se torna implicada no alcance de outras atividades que têm tanto a ver com formação de identidade, poder e autoridade, normas culturais e interação social, como com o simples ato de recordar” (ZELIZER, 1995, p. 214).

Enquanto que os termos “público” e “coletivo” da memória tenham sido usados de forma intercambiável, Maurice Halbwachs (1952) usa a “memória coletiva” como um conceito unificador e quadro social de consciência comparativa: “enquanto estas lembranças são mutuamente favoráveis e comuns a todos, membros individuais ainda variam na intensidade com que os experimentam” (p. 48). Por isso, a experiência coletiva da vida de Mandela no Brasil e na África do Sul varia na lembrança dentro de cada país, mas especialmente pungente é investigar como sua vida se enquadra através da reportagem de sua morte, por ambas as imprensas (brasileira e sul-africana). Em outras palavras, como a vida de Mandela é criada distante e postumamente por esses atores sociais? Uma chamada para a pesquisa futura seria investigar este enigma. Talvez uma análise do “jornalismo de aniversário/comemorativo” usando o aniversário de sua morte como exemplo e olhando para a construção social da memória coletiva de sua morte fosse o próximo passo na compreensão do legado de Mandela.

## NOTAS

- 1 É importante ressaltar que essa pesquisa foi feita originalmente em inglês. Assim, as citações das publicações brasileiras aqui citadas podem estar parafraseadas e não ao pé da letra, ou seja, podem estar um pouco diferentes do material impresso original.

- 2 Para facilitar a leitura dos extratos analisados, as autoras optaram por manter em formato recuado citações mais curtas do que geralmente é prescrito pela ABNT.
- 3 Outro significado latente para a “graça” de Mandela poderia ser em referência à sua “bondade”, “equilíbrio” e/ ou “charme”.

## REFERÊNCIAS

**4IMN.COM.** 2016 Newspaper Web Rankings | Africa: Top 50 Newspapers in Africa 2016, 7 fev. 2016. Disponível em: <[www.4imn.com/topAfrica](http://www.4imn.com/topAfrica)> Acesso em: 8 fev. 2017.

BLUMLER, J. G.; GUREVITCH, M. **The Crisis of Public Communication.** Londres: Routledge, 1995.

CARDOSO, F. H. Mandela e a libertação das amarras da revanche. ‘Há várias formas para um líder fazer notar sua capacidade de orientar e de comandar’, diz, em artigo, o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mandela-a-libertacao-das-amarras-da-revanche-10988025>> Acesso em: 16 mar. 2015.

CARLSON, M. Making Memories Matter: Journalistic Authority and the Memorializing Discourse around Mary McGrory and David Brinkley. **Journalism**, v. 8(2), p. 165-183, 2007.

CELESTINO, H. A graça de Mandela. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 15 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/a-graca-de-mandela-11072097>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

CLARKE, J. N.; EVEREST, M. M. Cancer in the Mass Print Media: Fear, Uncertainty and the Medical Model. **Social Science & Medicine**, v. 62(10), p. 2591-600, 2006.

COHEN, Y. Broadcast News Diffusion in Crisis-Ridden Democracies: Israel and the Rabin Assassination. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 7(3), p. 14-33, 2002.

DE VREESE, C. H. News Framing: Theory and Typology. **Information Design Journal + Document Design**, v. 13(1), p. 51-62, 2005.

ELLISON, C. (12/09/2013). Em artigo, estrategista político Charles Ellison resalta o ‘estilo de Mandela de administrar o país’. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 9 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/como-mandela-mudou-politica-africana-11009089>> Acesso em: 16 mar. 2015.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of a Paradigm. **Journal of Communication**, v. 43(4), p. 51-58, 1993.

ESSER, F.; & D'ANGELO, P. Framing the Press and Publicity Process in U.S., British, and German General Election Campaigns: A Comparative Study of Metacoverage. **The Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 11(3), p. 44-66, 2006.

**EUBrasil.** Brazil is the World's Seventh Largest Economy, Reports the World Bank. 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.eubrasil.eu/en/2014/04/30/brazil-is-the-worlds-seventh-largest-economy-reports-the-world-bank/>> Acesso em: 1 abr. 2015.

FARAH, A. G. V. Print Media Industry in Brazil. **The Brazil Business**, 18 abr. 2014. Disponível em: <<http://thebrazilbusiness.com/article/print-media-industry-in-brazil>> Acesso em: 31 mar. 2015.

**Folha.** Morre Nelson Mandela, líder sul-africano que derrotou o apartheid. **Afolhaonline.com.br**, São Paulo, 5 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...-que-derrotou-o-apartheid.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

GAMSON, W. News as Framing: Comments on Graber. **American Behavioral Scientist**, v. 33(2), p. 157-61, 1989.

GAMSON, W.A.; MODIGLIANI, M. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. **American Journal of Sociology**, v. 95(1), p. 1-37, 1989.

GITLIN, T. **The Whole World is Watching:** Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left. Berkeley e Los Angeles, CA: University of California Press, 1980.

**Globo.** Em carta, Papa diz que Mandela promoveu a dignidade humana. Pontífice destacou o compromisso do ex-presidente sul-africano com a verdade, a não violência e a reconciliação. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/em-carta-papa-diz-que-mandela-promoveu-dignidade-humana-10989669>> Acesso em: 16 mar. 2015.

**Globo.** Mandela deixa a África do Sul numa época de incertezas. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mandela-deixa-africa-do-sul-numa-epoca-de-incertezas-10988543>> Acesso em: 16 mar. 2015.

**Globo.** Mandela, um amável construtor de pontes. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 5 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mandela-um-amavel-construtor-de-pontes-10984558>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

**Globo.** Mandela será sepultado no dia 15 de dezembro. Enterro será um dos maiores do mundo e atrairá chefes de Estado, reis e rainhas e milhões de simpatizantes, como o do Papa João Paulo II. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mandela-sera-sepultado-no-dia-15-de-dezembro-10987604>>

Acesso em: 16 mar. 2015.

**Globo.** Nas ruas, África do Sul lamenta a morte de Nelson Mandela. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 5 dez. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/nas-ruas-africa-do-sul-lamenta-morte-de-nelson-mandela-10985878>> Acesso em: 16 mar. 2015.

HALL, S. Encoding, Decoding. In: DURING, S. (Orgs.). **The Cultural Studies Reader**. Nova York, Routledge, 1993. p. 507-517.

HALBWACHS, M. **On Collective Memory**. Tradução: F. J. Ditter Jr. & V. Y. Ditter. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992 [1952].

JENKINS, S. Mundo - Opinião: Nelson Mandela não foi um santo. **Afolhaonline.com.br**, São Paulo, 12 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...-mandela-nao-foi-um-santo.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

JOYCE, S. N. **Brazilian Telenovelas and the Myth of Racial Democracy**. Lanham, MD: Lexington Books, 2012.

KITCH, C. "A News of Feeling as well as Fact": Mourning and Memorial in American newsmagazines. **Journalism**, v. 1(2), p.171-195, 2000.

KUGEL, S. (2011, May 25). Brazil's Newspaper Industry Booming. **The World Post**, 25 may 2011. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2008/12/09/brazils-newspaper-industr\\_n\\_149746.html](http://www.huffingtonpost.com/2008/12/09/brazils-newspaper-industr_n_149746.html)> Acesso em: 31 mar. 2015.

LEWIS, S.C.; REESE, S.D. What is the War on Terror? Framing Though the Eyes of Journalists. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 86(1), p. 85-102, p. 2009.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic Inquiry**. Newbury Park, CA: Sage, 1985.

LINDLOF, T. R.; TAYLOR, B. C. **Qualitative Communication Research Methods**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

**M&G.** History. 2015. A Disponível em: <<http://mg.co.za/page/history>> Acesso em: 31 mar. 2015.

MAGALHÃES, V.; NALON, T.; CAMPANHA, D. Dilma deve ir à África do Sul para o funeral de Mandela. **Afolhaonline.com.br**, São Paulo, 5 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...para-ofuneral-de-mandela.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

Map of Press Freedom. **Freedom House**, 2014. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/freedom-press-2014/map-press-freedom#.VQ-tH8WZvlq0>> Acesso em: 19 mar. 2015.

MILLER, M. M.; REICHERT, B. P. The Spiral of Opportunity and Frame Resonance:

Mapping the Issue Cycle in News and Public Discourse. In: REESE, S. D. et al. (Orgs.). **Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 107-122.

PEZZINI, M. An Emerging Middle Class. **OECD Observer**, 2012. Disponível em: <[www.oecd.org/news/fullstory.php/aid/3681/An\\_emerging\\_middle\\_class.html](http://www.oecd.org/news/fullstory.php/aid/3681/An_emerging_middle_class.html)> Acesso em: 1 abr. 2015.

REED, T. V. Textual Analysis. **Cultural Politics: Textual Analysis**, 2012. Disponível em: <[http://culturalpolitics.net/popular\\_culture/textual\\_analysis](http://culturalpolitics.net/popular_culture/textual_analysis)> Acesso em: 31 mar. 2015.

REESE, S. D. Framing Public Life: A Bridging Model for Media Research. In: REESE, S. D. et al. (Orgs.). **Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World**. Mahwah, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 7-31.

ROBERTS, A. Mandela: A Great Man, not a Saint. **Ogloboonline.com.br**, Rio de Janeiro, 8 dez. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mandela-um-grande-homem-mas-nao-um-santo-10998434>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

ROJECKI, A. Media Discourse on Globalization and Terror. **Political Communication**, v. 22(1), p. 63-81, 2005.

ROSAS-MORENO T. C. **News and Novela in Brazilian Media: Fact, Fiction, and National Identity**. Lanham, MD: Lexington, 2014.

ROSAS-MORENO, T. C.; Bachmann, I. Pakistani and U.S. Press Content on Benazir Bhutto's Assassination Frame her Dynasty, Destiny, Death and their Secrets. **Observatorio**, v. 6(1), p. 281-310, 2012.

ROSSI, C. Mandela se transformou num monumento à tolerância após prisão. **Afolhaonline.com.br**, São Paulo, 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...-a-tolerancia-apos-prisao.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

SHOEMAKER, P. J.; REESE, S. D. **Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content**. 2. ed. Nova York: Longman, 1996.

SMITH, D. Plano do funeral de Mandela será prova máxima para África do Sul. **Afolhaonline.com.br**, São Paulo, 6 dec. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...maxima-para-africa-do-sul.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

SOSALE, S.; ROSAS-MORENO, T.C. Framing Cooperation Among Regional Economic Powers: The South in Global Spheres of Influence. **International Communication Gazette**, v. 78(8), p. 755-776, 2016.

SouthAfrica.info. **The Press in South Africa**, 18 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.southafrica.info/about/media/news.htm#.VRqDo2Z-vlq0>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

TOLIPAN, H. Globo sobe em ranking e torna-se segunda maior emissora do mundo [Globo rises in rankings and becomes second largest network in the world]. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2012/05/09/globo-sobe-em-ranking-e-torna-se-segunda-maior-emissora-do-mundo/>> Acesso em: 13 feb. 2017.

TRUEX, D. **Text-Based Analysis: A Brief Introduction**. 1996. Disponível em: <<http://www.ibrarian.net/navon/page.jsp?paperid=40977&searchTerm=text+based+analysis>> Acesso em: 1 abr. 2015.

VAN GORP, B. The Constructionist Approach to Framing: Bringing Culture Back in, **Journal of Communication**, v. 57(1), p. 60-78, 2007.

VAN GORP, B. Strategies to Take Subjectivity out of Framing Analysis. In: D'ANGELO, P; KUYPERS, J.A. (Orgs.). **Doing News Framing Analysis: Empirical and Theoretical Perspectives**. Nova York, NY: Routledge, 2010, p. 84-109.

ZANINI, F. Mundo - Multidão comparece a estádio para cerimônia de tributo a Mandela. **Folhaonline.com.br**, São Paulo, 10 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mu...-estadio-em-johannesburgo.shtml>> Acesso em: 16 mar. 2015.

ZELIZER, B. Reading the Past Against the Grain: The Shape Of Memory Studies. **Critical Studies in Mass Communication**, v. 12(2), p. 214-239, 1995.

**Tania Cantrell Rosas-Moreno** tem PhD pela Universidade do Texas na Escola de Jornalismo de Austin e um Mestrado em Comunicação de Massa pela Universidade Brigham Young em Provo, Utah. Ela é professora associada de Comunicação na Loyola University Maryland. E-mail: [tcrosasmoreno@loyola.edu](mailto:tcrosasmoreno@loyola.edu)

**Samantha Nogueira Joyce**. Doutora pela University of Iowa e mestrado em Rádio e TV pela Saint Mary's College of California. É docente do Departamento de Comunicação da Saint Mary's College of California. E-mail: [samanthanjoyce@yahoo.com](mailto:samanthanjoyce@yahoo.com)

RECEBIDO EM: 14/10/2015 | ACEITO EM: 18/11/2016